

COMPREENSÃO DE SIGNIFICADOS E INTERNALIZAÇÃO NA PRIMEIRA INFÂNCIA

OLIVEIRA, Flávio Garcia de – UFJF

FREITAS, Maria Teresa de Assunção – UFJF

GT-20: Psicologia da Educação

(...) se a essência dos objetos coincidissem com a forma de suas manifestações externas, então, toda ciência seria supérflua.

Karl Marx

Entre o biológico e o cultural

A criança nasce num meio onde o comportamento é regido não exclusivamente por leis naturais ou biológicas, mas também por um contexto de significações culturais que foi sendo estabelecido pelo ser humano ao longo da sua história. Essas significações não são, nesse sentido, elementos que emergem do nosso *pacote* de transformações biológicas. Elas existem inicialmente no meio externo e são apropriadas ou internalizadas pela criança no correr da vida.

Como esses significados começam a fazer parte do mundo interno da criança?

A relação entre o desenvolvimento biológico e o cultural do ser humano foi um tema amplamente discutido pelo cientista russo Lev Vygotsky no início do século passado. Segundo o autor (1931/1995), se as significações culturais não são dadas geneticamente, o recém-nascido precisa conviver neste mundo social para poder apreendê-las. Apenas o contato com o *outro* possibilitará a conversão das significações culturais do meio externo para o mundo interno e subjetivo da criança.

Acompanhando a idéia do autor russo, Pino (2005) sugeriu ser o homem a única espécie a constituir-se através de um “*duplo nascimento*” (p. 55): o *biológico* e o *cultural*. Nascemos com um equipamento biológico e uma programação genética típica da espécie que nos proporciona, entre outras possibilidades, a *aptidão para a cultura*. Mas esta só irá se desenvolver através da imprescindível interação social, ou seja, apenas se houver o contato concreto com a cultura. O autor afirma que a presença dessas marcas genéticas

“(...) faz do recém-nascido um candidato á condição humana¹; essa condição não lhe vem de graça, mas é o resultado de uma conquista na convivência humana.” (p. 153 e 154).

Essa é uma idéia geral desse importante tema da obra de Vygotsky. Embasado por essa perspectiva, o presente texto consiste no relato de uma pesquisa que procurou acompanhar um período inicial da vida da criança para observar o acontecer desse processo de internalização dos significados culturais a partir da relação estabelecida com o outro.

A idade observada foi a faixa dos 12 aos 20 meses de vida e o ambiente escolhido foi o da aula de natação infantil. Ou seja, observamos por oito meses a relação entre uma professora de natação e um aluno que iniciou as aulas quando estava completando um ano de vida. Porque esta faixa etária e porque o ambiente de aulas de natação?

Justificamos a questão da faixa etária buscando os conceitos de *pensamento* e *linguagem* na obra do autor russo. De forma resumida, a palavra para Vygotsky (1931/1995) é o elemento simbólico da linguagem humana. Vinculada a um objeto, é utilizada para que se construa um campo de significados comuns entre os seres envolvidos na interação. Compreender o significado da linguagem do Outro e se expressar com significado ao Outro, pressupõe, portanto, que esses significados sejam comuns ao Eu e ao Outro. Essa é a condição para que a criança, via linguagem, interprete o pensamento do outro e consiga comunicar o seu próprio. A capacidade de internalizar e compreender esses significados, ou seja, construir mentalmente imagens coerentes às palavras, pressupõe, para Vygotsky (1929/2001) a associação entre as duas linhas de desenvolvimento citadas: a do *pensamento* e a da *linguagem*. Ele afirma que essas linhas possuem, ao nascimento, “(...) raízes genéticas inteiramente diversas.” (p.112). Através do processo de evolução cultural, essas duas funções mentais vão criando vínculos que levam a criança a um nível de evolução semelhante ao do adulto no campo da compreensão dos significados.

Num momento anterior a esse cruzamento, quando a criança ainda não compreende claramente os significados, existe, para Vygotsky (1929/2001), um pensamento desvinculado das palavras, o que ele chamou de “(...) estágio pré-verbal” (p.133) do pensamento humano e uma manifestação de linguagem desvinculada do intelecto: o “(...) estágio pré-intelectual” (p. 133) da linguagem humana. Não existem para o autor, neste momento da vida, palavras nos pensamentos e nem pensamentos na fala.

¹ - Grifo do autor.

*Podemos, com certeza, constatar no desenvolvimento da fala da criança um “estágio pré-intelectual” e, no desenvolvimento de seu pensamento, um “estágio pré-verbal”. (...) Até certa altura as duas modalidades de desenvolvimento seguem diferentes linhas, independentes uma da outra. (...) Em um determinado ponto, ambas as linhas se cruzam, após o que o pensamento se **torna** verbal e a fala se **torna** intelectual.*² (Vygotsky, 1929/2001, p.133).

A evolução da relação entre essas duas linhas acontece, segundo Vygotsky (1929/2001), de forma bastante complexa. Elas “(...) *convergem e divergem constantemente, cruzam-se, nivelam-se em determinados períodos e seguem paralelamente, chegam a confluir em algumas de suas partes para depois tornar a bifurcar-se.*” (p.110). E o processo culmina com uma integração tal entre essas funções que possibilita à criança uma associação semelhante a do adulto entre pensamento e palavra. A descoberta do papel simbólico da palavra, ou seja, compreender a sua associação a um objeto, pessoa ou ato é, para Vygotsky, uma das grandes conquistas dentro do nosso desenvolvimento cultural e acontece segundo ele mais ou menos aos dois anos de idade. Nas palavras do autor:

*(...) a descoberta mais importante sobre o desenvolvimento do pensamento e da fala na criança é a de que, num certo momento, **mais ou menos aos dois anos de idade**³, as curvas da evolução do pensamento e da fala, até então separadas, cruzam-se e coincidem para iniciar uma nova forma de comportamento muito característica do homem* (Vygotsky, 1929/2001, p. 130).

Esclarecendo, portanto, a escolha da faixa etária citada, a pesquisa teve o intuito de analisar esse período complexo da vida da criança que antecede o momento previsto pelo autor russo para a união entre as linhas de pensamento e linguagem. Que processos dentro da relação entre um adulto e uma criança dessa idade contribuíram para essa associação acontecer possibilitando a internalização de significados culturais?

Justificando a segunda questão, um detalhe faz da aula de natação um ambiente impar. Em que outra situação uma criança de um ano de idade pode estar inserida em um

² - Grifos do autor.

³ - Grifo nosso.

ambiente formal de ensino-aprendizagem? Que outra atividade lhe possibilita estar interagindo com um professor? Logicamente, a criança convive socialmente, frequenta os diversos ambientes em que a sua família convive, frequenta a creche, que é também um ambiente educacional acompanhado por profissionais especializados. Mas a aula de natação é um espaço de formação que possui uma peculiaridade. A criança não está apenas convivendo socialmente ou sendo cuidada por um adulto. Ela está interagindo com um professor e vivenciando uma relação que faz parte de um contexto de ensino-aprendizagem. Professor e aluno enfrentam um desafio que é, justamente, galgar os degraus desse plano não em um momento de linguagem consolidada por parte da criança, mas no momento da emergência dessa linguagem.

Igor e Aline⁴ foram os dois sujeitos observados nessa pesquisa. Igor foi o aluno de natação. Foi a criança que, desde o nascimento veio gradativamente penetrando no mundo dos significados culturais. Aline foi a professora. Em âmbito global, ela foi um entre os diversos elementos culturais interagindo e trazendo significados para Igor. Em âmbito específico ela foi a professora de natação dele. Foi uma pessoa que trouxe uma bagagem cultural específica, ou seja, agiu como mediadora compartilhando conhecimentos que foram passados de geração para geração sobre como interagir conscientemente com a água. A relação de Igor com a professora Aline aconteceu, portanto, dentro de um contexto formal de aulas de natação.

Resumindo o processo metodológico da pesquisa, as aulas tiveram duração de 20 a 30 minutos e aconteceram, duas vezes por semana, de maio a dezembro de 2006, em uma escola de natação integrante de um colégio que atende desde o infantil ao ensino médio. Durante aproximadamente oito meses de campo – 32 semanas – foram observadas um total de 52 aulas. As observações foram documentadas através de vídeo-gravação e notas de campo. Das 52 aulas, 24 foram filmadas e 29 não.

A escolha da vídeo-gravação enquanto ferramenta de observação, seja no ambiente aquático ou fora dele, justificou-se por dois motivos mais significativos: em primeiro lugar, porque as mudanças que acontecem no correr da vida não são observáveis a olho nu. Passam-se períodos de tempo para que algumas transformações se tornem perceptíveis. O

⁴ Foram mantidos os nomes originais dos sujeitos da pesquisa, obtendo-se para tal a permissão da professora Aline e dos pais de Igor.

documento vídeo-gravado, nesse sentido, é um excelente recurso para capturar esse acontecer da vida e para compreendê-lo posteriormente. Um segundo ponto que justifica esta opção está relacionado à questão do registro das imagens. Esse registro se torna um meio facilitador da interpretação considerando a possibilidade de rever as imagens quantas vezes forem necessárias para melhor compreender os acontecimentos.

Este foi um panorama sobre a pesquisa e a perspectiva teórica utilizada para embasá-la. A proposta do texto que segue é discutir, portanto, sob o prisma de Lev Vygotsky e do referencial teórico histórico-cultural, alguns episódios da relação entre Igor e a professora Aline, no contexto de aulas de natação, que contribuíram para o desenvolvimento dele no campo dos significados culturais.

O processo de internalização de significados a partir da relação com o outro

Quando Igor chegou para iniciar as aulas de natação, estava completando um ano de idade. Ele já havia dado, dessa forma, seus primeiros passos no campo do desenvolvimento cultural. Passos estes que se iniciaram, como diz Pino (2005), juntamente com o nascimento biológico. Na entrevista inicial feita com a mãe de Igor pudemos detectar que ele atravessou o primeiro ano de vida dentro de uma normalidade não acontecendo nenhum fato que aparentemente o excluísse da condição de uma criança física e mentalmente saudável.

Entretanto, a individualidade e o contexto de vida são aspectos que nos levam à possuir diferenças ou particularidades dentro de um prisma de igualdades. O fato de possuímos códigos genéticos semelhantes e nos desenvolvermos dentro de uma normalidade comum à espécie não exclui o outro fato: o de sermos pessoas singulares.

Diante disso não poderíamos predizer, apenas baseados em dados teóricos, em que momento desse processo Igor se encontraria antes de conhecê-lo pessoalmente ou de observá-lo atuando socialmente. O início do trabalho de campo, após os estudos do referencial histórico-cultural significou, nesse sentido, não um rompimento com a criança teórica, mas uma situação em que esta passou a ser confrontada com a criança real. A partir

do início do trabalho de campo passaram a co-existir com o referencial teórico, Igor e a professora Aline – duas pessoas reais e singulares.

Quanto, portanto, Igor já havia caminhado, nesse processo? Como estava seu desenvolvimento cultural quando ele e a professora Aline se conheceram e as aulas começaram a acontecer? Alguns episódios extraídos das primeiras aulas foram significativos para compreendermos esse estado inicial de Igor na ocasião da sua chegada ao campo de pesquisa.

Episódio 1 – O gesto de *tchau*

2ª aula de Igor (filmada)

Data: 15.mai.06 (2ª feira)

Idade de Igor⁵: 11º mês de vida

A 2ª aula (filmada) foi marcada pelos protestos de Igor durante todo o tempo em que esteve com a professora Aline na piscina. Estava sendo sua primeira experiência numa piscina e também seu primeiro contato com a professora. Ele parecia ainda estar *digerindo* aquela novidade. Nessa aula um fato em especial chamou a atenção. Ele passou praticamente a aula inteira chorando e acenando para a mãe. Em seu aceno, ele parecia ter a intenção de fazer um gesto de *tchau*. Entretanto, o gesto não estava sendo executado da maneira normal porque ele girava o antebraço com a palma das mãos voltadas para baixo. Estava mais parecido com o gesto indicando o sinal de *mais ou menos* do que com o gesto de *tchau*.

O gesto de *tchau* foi o primeiro ato cultural que observamos em Igor nas aulas de natação. Acreditamos que ele estava tendo a intenção de realizá-lo por que num certo momento da aula a mãe, que estava do lado de fora da piscina, falou: “*Dá tchau Igor!*”, e ele fez o mesmo movimento confuso semelhante ao gesto de *mais ou menos* que vinha fazendo. Aquilo parecia realmente, significar para ele o gesto de *tchau*. Se o gesto ainda

⁵ - Igor completou um ano de idade no dia 19 de maio de 2006.

não estava *refinado*, não era o problema. O interessante foi observar que, mesmo com uma pequena falha na execução, ele respondeu com um comportamento que pareceu coerente com a fala da mãe. Igor estava ainda por completar o primeiro ano de vida.

No desenvolvimento das aulas detectamos alguns episódios que mostraram que as palavras da professora Aline também geravam comportamentos coerentes por parte de Igor. Na 3ª aula (filmada), por exemplo, aconteceu o seguinte:

Episódio 2 – A compreensão do significado das palavras

3ª aula de Igor (filmada)

Data: 17.mai.06 (4ª feira)

Idade de Igor: 11º mês de vida

No desenvolvimento da 3ª aula, a professora Aline pegou um regador, encheu de água e começou a fazer chuva no corpo de Igor. Jogou um pouco nas suas mãos e cabeça e então perguntou: “*Cadê o pé do Igor?*” Ele, no mesmo instante, olhou para os pés e levantou o esquerdo permitindo que a professora o molhasse com o regador. A professora então perguntou pelo outro pé: “*Cadê o outro pé? ... Cadê? ... Cadê?*”. Apesar da insistência Igor não levantou o pé direito. Apenas ficou movimentando as duas pernas enquanto ela as molhava com o regador.

A primeira pergunta do campo de pesquisa foi justamente se a fala já possuía algum significado para Igor; se já existia a associação entre a palavra (o signo) e seu significado. Logo no início das observações começamos a perceber que as falas não eram, para ele, sons vazios, embora parecesse que dentro de uma frase ou conjunto de frases fluentes, ele captava não o sentido completo das orações, mas apenas algumas palavras isoladas. Quando a professora perguntou “*Cadê o pé do Igor?*”, ele olhou e levantou o pé esquerdo. Entretanto, quando ela perguntou “*Cadê o outro pé?*”, ele não mostrou o pé direito. Será que a palavra *pé* já fazia parte de seu vocabulário e a palavra *outro* ainda não? Será que as duas construções feitas pela professora – “*Cadê o pé?*” e “*Cadê o outro pé?*” – não significaram para ele a mesma coisa? Se o único termo familiar para Igor naquele momento

estivesse sendo a palavra *pé*, qualquer construção que a professora Aline fizesse, mesmo com sentidos diferentes, levaria Igor a criar uma única imagem mental: a de um pé. A questão que procurávamos detectar não era se ele gesticulava com certidão ou compreendia o sentido integral de uma oração, mas confirmar se os elementos culturais já existiam para ele, mesmo que num estágio inicial. E esse princípio do campo de pesquisa trouxe indícios que nos levaram a crer que sim. Os episódios 1 e 2 não foram eventos isolados. Foram exemplos extraídos de um comportamento que marcou o início daquela relação.

Diante desse estado inicial de Igor na aula de natação não pudemos deixar de trazer para o campo de pesquisa a afirmação de Vygotsky (1929/2001) quanto ao momento de cruzamento entre as linhas de pensamento e linguagem: “(...) *mais ou menos aos dois anos de idade(...)*” (p. 130). Igor estava ainda por completar o primeiro ano de vida e já apresentava algum desenvolvimento neste campo. Em outra passagem o autor ainda complementa sua idéia:

Em primeiro lugar, rejeitamos tranqüilamente que se atribua a uma criança de um ano e meio a descoberta da função simbólica da linguagem, operação intelectual consciente e sumamente complexa, que, em linhas gerais, mal se coaduna [harmoniza] com o nível intelectual geral de uma criança de semelhante idade. Em segundo lugar, as nossas conclusões coincidem plenamente com as de outros dados experimentais, que mostram que o uso funcional do signo, mesmo o mais simples do que uma palavra, aparece bem mais tarde e é totalmente inacessível a uma criança daquela idade. (Vygotsky, 1929/2001, p.146).

Após ler as afirmações de Vygotsky sobre o momento da vida em que as linhas de *pensamento e linguagem* se cruzam e confrontá-las com os acontecimentos observados em campo na relação entre Igor e a professora Aline, algumas questões acabaram aparecendo no desenvolvimento deste trabalho. Será que os tempos são diferentes e as crianças de hoje possuem um desenvolvimento mais *acelerado* do que as de quase cem anos atrás estudadas pelo autor? Um ano de diferença significa muito para essa faixa etária. Se a mãe diz: “*Dá tchau Igor!*” e ele responde com coerência; e se a professora pergunta: “*Cadê o pé do Igor?*”, e ele levanta e olha para os pés, já não existe em sua mente a associação entre a palavra e seu significado? Que comportamento o autor deve ter esperado de uma criança

para considerar unidas as duas linhas citadas? Esta acabou se tornando uma questão enigmática dessa pesquisa.

Observamos duas citações de Vygotsky que clarearam um pouco sua posição sobre essa questão. Segundo o autor, mesmo apresentando algumas compreensões iniciais, uma criança da idade de Igor ainda teria uma estrada para percorrer dentro do campo sógnico. Em conferência realizada na antiga Leningrado, no ano de 1932, Vygotsky (1932/1998) diz o seguinte:

Os significados das palavras infantis se desenvolvem. Dito de outra forma, com a assimilação do significado a uma palavra, não termina o trabalho com ela. Por isso, embora em aparência tenha-se a ilusão de que a criança já compreende as palavras a ela dirigidas e ela mesma as emprega com sentido, de forma que podemos compreendê-la, embora aparentemente se tenha a impressão de que a criança alcançou no desenvolvimento do significado das palavras o mesmo que nós, a análise experimental mostra que esse é apenas o primeiro passo rumo ao desenvolvimento do significado das palavras infantis. (p.73).

E no texto “As raízes genéticas do pensamento e da linguagem”, ele diz:

Como se sabe o animal pode assimilar determinadas palavras da fala humana e aplicá-las segundo a situação. Antes desse período, a criança também assimila determinadas palavras que, para ela, são estímulos condicionados ou substitutos de alguns objetos, pessoas, ações, estados e desejos. Nessa idade, a criança conhece apenas as palavras que aprende com outras pessoas. Agora a situação muda radicalmente: ao ver o novo objeto, a criança pergunta: “Como isso se chama?” A própria criança necessita da palavra e procura ativamente assimilar o signo pertencente ao objeto (...). (...) a partir desse momento, a fala entra na fase intelectual do seu desenvolvimento. É como se a criança descobrisse a função simbólica da linguagem. (1929/2001, p. 131).

O que Vygotsky quis dizer sobre esse momento anterior ao cruzamento entre as atividades de pensamento e linguagem? Que existe, de fato, nessa idade em que Igor se encontrava, um vínculo primário entre pensamento e palavra. Entretanto, o cruzamento entre as duas linhas citadas está associado à compreensão consciente dos significados e isso ficou claro que, para ele, acontece apenas mais tarde na vida da criança.

Não podemos desconsiderar, portanto, após as observações em campo, que a palavra com significado já existia para Igor. Mas, acompanhando a idéia do autor, ainda se tratava de um estado embrionário ou obscuro na mente de nosso pequeno sujeito. Isso poderia explicar o fato de ele *compreender* parcialmente os atos dos adultos. Uma união definitiva entre pensamento e linguagem, possibilitando-o compreender os significados de forma semelhante ao adulto, aconteceria apenas mais tarde. De fato, estavam acontecendo, nesse período, alguns episódios de aparente compreensão que emergiam de um oceano de desconpreensões. Esse parecia ser o momento de Igor em seu desenvolvimento sógnico naquele período da pesquisa.

No decorrer dos trabalhos continuamos atentos a esse aspecto da evolução de Igor. Mesmo considerando as afirmações de Vygotsky sobre esse período de *pré-significação*, acreditávamos que tal associação pudesse acontecer antes dos dois anos de idade. De certa forma procurávamos um comportamento ou um momento que marcasse esse suposto entrelaçamento, mas isso não pareceu acontecer. Nesses oito meses de observação não detectamos grandes revoluções ou saltos que tenham nos remetido a tal momento de união citado por Vygotsky. Os episódios da relação entre nossos sujeitos observados foram desvelando um processo que, ao contrário, pareceu acontecer silenciosamente e na velocidade do próprio tempo.

Participando desse nosso mundo falante Igor foi, através da *imitação*, pronunciando sílabas, combinando-as e, gradativamente, começando a falar as primeiras palavras simples; da mesma forma foi realizando os primeiros gestos, imitando os adultos corporalmente, etc. Entretanto, seus atos e compreensões ainda não pareciam claros. Vinham comumente gerando mais de uma possibilidade de interpretação. Igor estava imitando tal palavra ou gesto mecanicamente, sem associá-los a um significado; ou conscientemente, utilizando seu ato coerentemente no diálogo? Algumas vezes, como citamos, ele parecia agir com coerência, outras não. O *comportamento imitativo* associado a esse processo de significação foi considerado por Vygotsky (1931/1995) um importante canal de desenvolvimento cultural da criança. Nas palavras do autor:

(...) não negamos o papel decisivo da imitação no desenvolvimento da linguagem infantil. (...) Queremos indicar que somente a imitação não pode explicar o desenvolvimento da linguagem e que ela mesma precisa ser

*explicada. (...) O próprio processo de imitação pressupõe uma determinada compreensão do significado da ação do outro. (...) As condições expostas nos impõe a renúncia da idéia que reduz a essência da imitação à simples formação de hábitos e compreender a imitação como um fator essencial no desenvolvimento das formas superiores do comportamento humano.*⁶ (p. 137 e 138).

Tentar compreender a natureza das manifestações de Igor neste complicado período do desenvolvimento da significação não foi uma tarefa fácil. Observávamos atitudes que ora aparentavam algum nexos ou princípio de significação, ora pareciam dirigidos a ninguém. Também observávamos manifestações claramente dirigidas à professora, mas de interpretação bastante nebulosa. Dentro desse emaranhado confuso que nos mostrou ser o subjetivo da criança de um ano, um episódio em especial acabou merecendo um maior destaque quanto a clareza da manifestação.

Episódio 3 – A primeira fala com significado claro

28ª (não filmada) e 29ª (filmada) aulas de Igor

Data: 13.set.06 (4ª feira) 18.set.06 (2ª feira)

Idade de Igor: 15º mês de vida

No início da 28ª aula (não filmada) Igor viu a bola e falou “Bá”. Ele apontou a bola e falou de novo “Bá”. A professora perguntou se ele queria a bola e ele falou: “Boá”. Ela o levou na direção da bola e ele falou de novo: “Bá”. Eles acabaram interagindo por um tempo com a bola e Igor repetiu muitas vezes as palavras “Bá” e “Boá” se referindo claramente à bola. Eles se separaram da bola e, mais para o final da aula, se depararam com ela novamente, e ele continuou repetindo: “Boá, boá”. Esse fato se repetiu na 29ª aula (filmada). A professora Aline iniciou esta aula jogando diversas bolas na piscina. Igor estava do lado de fora, com a mãe, observando aquela chuva de bolas e começou imediatamente a apontar para elas e a falar: “Boá, boá, boá”. Os dois entraram na piscina para pegá-las e ele continuou, ao seu jeito, falando a palavra bola.

⁶ - Tradução livre do espanhol.

Se estivéssemos observando esse evento fora de um contexto pensaríamos: “Bá” poderia ser uma manifestação oral sem significado aparente, como tantas que já haviam acontecido; “Bá” poderia significar “Dá!”, no sentido de “Me dá!”, como acreditamos acontecer na 26ª aula (filmada); entretanto, quando Igor falou “Bá” e “Boá”, neste episódio, seus atos, seu corpo, o apontar dos dedos, seus olhos, enfim, o seu ser inteiro estava claramente se referindo às bolas que estavam na piscina.

Igor estava com um ano e quase quatro meses de vida. O episódio da palavra bola nos mostrou não apenas a compreensão da fala do outro por parte de Igor, mas a construção da sua própria fala com significado e coerência. Estava sendo interessante observar o que considerávamos ser o princípio das manifestações significadas de Igor. Ele, que estava inserido desde o nascimento, no campo da linguagem do outro, de seu meio, das pessoas à sua volta, estava começando a explorar a sua própria linguagem.

Conclusão

Durante a experiência do trabalho de campo viemos observando, por um lado, um processo de *pré-significação* semelhante ao descrito teoricamente por Vygotsky. Mas, por outro lado, estava ficando a sensação de que a união entre as atividades de pensamento e linguagem não aconteceria em um momento determinado como sugeriu o autor russo, mas de forma gradual. Apareceu, nesse sentido, a seguinte questão: será que podemos, mesmo para fins didáticos, reduzir essas complexas funções em *linhas de desenvolvimento* e ainda afirmar que, em algum momento, elas vão se cruzar? Às vezes, durante esse processo de pesquisa, sentíamos que estávamos esperando um comportamento ou uma espécie de marco divisório que não iria acontecer.

Essa experiência no todo nos mostrou a evolução dos significados acontecendo gradualmente e de forma silenciosa no dia a dia. Mesmo com Igor finalizando a pesquisa com um ano e oito meses de vida – antes do tempo sugerido por Vygotsky para o cruzamento das linhas, nos despedimos do campo acreditando existir não um momento de união, mas um processo longo e silencioso de significação dos atos culturais a partir do aprofundamento da experiência social. Se fossemos fazer, nesse sentido, uma associação

das atividades de pensamento e linguagem a algo concreto como uma solução para a compreensão didática do processo, não as representáramos por linhas de desenvolvimento, mas por complexas redes que, inicialmente separadas, teriam suas tramas lentamente tecidas fio a fio, possibilitando a formação de processos de significação cada vez mais evoluídos.

Gostaríamos que a pesquisa se prolongasse por mais alguns meses para continuar observando o acontecer desse processo descrito por Vygotsky, mas Igor continuou se desenvolvendo longe dos olhos da pesquisa e trilhando sua vida cotidiana. Ao final do trabalho de campo ele ainda não possuía uma linguagem clara e fluente, mas mesmo assim consideramos ter recebido uma grande contribuição que foi justamente poder observar o momento inicial desse complexo processo de internalização dos significados culturais. Obrigado Igor e professora Aline.

Referências bibliográficas

- PINO, Angel. *As marcas do humano: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de L. S. Vygotsky*. São Paulo: Cortez, 2005.
- VYGOTSKY, Lev S. (1929) *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- _____ . (1931) *Obras Escogidas III: Psicologia infantil*. Madrid: Visor, 1995.
- _____ . (1932) *O desenvolvimento psicológico na infância*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.